Branquitude no meio acadêmico

Izabel Accioly¹²

Obrigada pelo convite. É muito bom estar aqui falando com vocês sobre essa temática. Primeiro eu queria me apresentar para dizer qual o meu lugar de fala. Eu sou uma mulher negra. Sou mãe de um adolescente negro, o Vinícius, que tem 14 anos, e essas são as coisas importantes sobre mim. Eu me graduei em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará e sou mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente eu tenho pesquisado sobre branquitude e tentado compreender melhor a auto percepção de pessoas brancas sobre a sua raça. Eu também ofereço um curso sobre relações raciais e branquitude no Brasil, um curso livre, para pessoas que muitas vezes não são acadêmicas, mas querem se aproximar um pouco dessa questão racial.

Para contextualizar um pouco a minha trajetória acadêmica, eu pesquisei na graduação e no mestrado sobre a população encarcerada aqui no Estado do Ceará, principalmente com as pessoas nos presídios provisórios masculinos. O que não quer dizer que eu tenha pesquisado apenas homens. Infelizmente, na época da minha pesquisa, a gente via muitas travestis, mulheres *trans* presas nos presídios masculinos do Ceará.

Antes de falar sobre branquitude preciso escurecer algumas coisas. A primeira, é que toda vez que eu falar sobre raça, eu não

¹² Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos e coordenadora do grupo de estudos Violências Raciais e Resistências Negras na Universidade Federal do Ceará.

estou falando sobre um conceito biológico, mas sobre um conceito social. Existe muita diferença sócio histórica entre os povos negros, brancos, europeus e indígenas. E entender essas diferenças é um primeiro passo muito importante e tem que ser a base para nossa conversa. Sim, nós somos diferentes. Certo?

Outra coisa que preciso esclarecer é sobre o que seria o negro. Segundo o Estatuto da Igualdade Racial, negros são um grupo social, a somatória de quem se autodeclara preto e de quem se autodeclara pardo. Eu entrei no mestrado por ação afirmativa para pretos e pardos, ou seja, para o povo negro. Eu me identifico enquanto mulher preta, então eu estava apta a concorrer naquela modalidade usando a ação afirmativa que me contemplava.

A questão do pardo é bem delicada aqui no Brasil. Porque no começo o pardo foi entendido como a mistura entre raças e se uma pessoa é mestiça então necessariamente ela é uma pessoa parda. No começo era entendido dessa forma. Entretanto, atualmente, principalmente nos meios de militância negra, isso não é mais visto assim. Imaginem uma família inter-racial, uma mulher branca e um homem negro. Eles têm um filho, uma pessoa mestiça, porque veio dessa mistura de pertencimentos raciais. Ele nasce com a pele clara, cabelo liso, olho claro. “Puxou a mãe”, como se diz popularmente, que é branca. Ele é pardo ou branco? Ele é branco.

No Brasil, é possível ao mesmo tempo ser mestiço e branco. Então, toda vez que uma pessoa branca, que é lida como branca, que teve uma trajetória de pessoa branca, se diz parda porque tem um pai negro, um avô negro, um tataravô indígena, ela cer-

tamente não entendeu essa discussão. Ela está equivocada, porque o modo como o preconceito racial acontece aqui no Brasil, é através do preconceito racial de marca e não de origem. Então as pessoas sofrem preconceito racial, não porque têm um familiar, lá atrás em sua origem, que é negro, mas porque ele tem a “aparência de”, ele foi “marcado” com o fenótipo negro. Então há diferenças.

Tem um artigo chamado “Preconceito Racial de Marcas e Preconceito Racial de Origens”, do Oracy Nogueira, sociólogo, que eu recomendo para quem tiver interesse nessa discussão. Neste artigo, especificamente, o Oracy compara o modo como o preconceito racial de marca acontece no Brasil e de origem nos Estados Unidos. O impedimento que pessoas brancas nos Estados Unidos se casassem com “pessoas de cor”, como eles costumam chamar por lá. Inclusive com leis específicas, proibindo. Tem a lei do Estado da Virgínia, de 1924, que é conhecida como a Lei da Única Gota. E aqui no Brasil a gente fez o caminho inverso. A miscigenação era incentivada como uma forma de eugenia, uma forma de apagamento dos traços fenotípicos, mas também culturais das pessoas negras, dos povos indígenas.

A questão do branco é intrigante para mim porque é a identidade não marcada. A gente nunca diz “nossa, que mulher branca bonita”. Mas até um tempo atrás a gente escutava “nossa, que negra bonita”. A questão racial era marcada para dizer assim, “caramba, apesar de negra, essa pessoa tem características alinhadas ao que é belo”, e isso era um sinal de surpresa. Se eu pedir para vocês pegarem papel e caneta e fazerem uma lista de “coisas de negro”? Vocês podem pensar em samba, em religiões de raiz africana, podem lembrar o nome de um Orixá, talvez

lembrem de alguma comida de Santo, feijoada. Mas se eu pedir para vocês fazerem uma lista com “coisas de branco”, o que vocês colocariam nessa lista? Por que a gente tem mais dificuldade para identificar as “coisas de branco”?

Uma das percepções que tem emergido ao longo da minha pesquisa é que pessoas brancas, em geral, tem dificuldade de se autodeterminar brancas. Não são só pessoas negras que têm dificuldade de se autoafirmar negras. A diferença é que a pessoa negra tem dificuldade de autoafirmar-se porque durante muitos anos, toda a questão da identidade racial negra foi marcada como negativa, com ridicularizações, com racismo recreativo sendo passado na televisão em canal aberto, e muitas outras questões. Assim, se identificar com essa identidade racial era algo ruim. Quando eu digo: “me identifico enquanto mulher negra”, algumas pessoas dizem: “Não Izabel, não fale isso de você, você não é negra, você é moreninha”, como quem diz, “por que você está fazendo isso contigo? Não se autodeprecie”. O branco também tem dificuldade para se autodeterminar branco, porque há uma grande vontade de realmente não entender sobre a questão racial. Há uma vontade de renunciar sobre esse tema, de achar que raça é “conversa apenas para negro”. Identificar-se como branco seria como afirmar que não tem ancestrais negros. E as pessoas têm dificuldade para entender que branco não são só as pessoas que nunca na história da sua família tiveram algum ancestral que não seja branco.

Eu quero falar um pouco sobre hierarquia racial. No Brasil nós vivemos uma hierarquia racial, onde pessoas brancas ocupam o topo dessa hierarquia, e pessoas negras, principalmente

mulheres negras, são a base da nossa sociedade. Inclusive numericamente, nós mulheres negras, somos maioria numérica. Para falar um pouco sobre isso, eu trouxe esta pintura, que provavelmente vocês já devem ter visto em algum livro da escola ao longo da vida escolar de vocês. Essa pintura se chama “Um Jantar Brasileiro”, de Debret, de 1827. Essa cena pintada por Debret em 1827 certamente se repetirá em alguma casa brasileira, em algum lugar do território brasileiro. Estamos em 2020 e queria que vocês imaginassem esta cena acontecendo nos tempos atuais. Eu estou em Fortaleza e vou imaginar esta cena ocorrendo aqui em um bairro de elite, Aldeota. Para ajudar vocês na imaginação, eu vou dar nome para os personagens que estão na pintura. Essa mulher branca que está alimentando o bebê, o nome dela é Sari Côrte Real, esse homem branco que está comendo é o prefeito de Tamandaré em Pernambuco. Essa mulher negra atrás é a Mirtes e esse bebezinho pretinho é o Miguel. Vocês conseguem imaginar melhor essa cena acontecendo? Vocês conseguem ver essas hierarquias raciais que estruturam a sociedade brasileira, desde os primórdios, até hoje?

Concordo com Sueli Carneiro quando ela afirma que no Brasil existe um grande equívoco sobre como a hierarquia racial é analisada politicamente tanto pela direita quanto pela esquerda. Pela direita, há o mito da democracia racial, de que no Brasil convivemos muito bem. Pela esquerda há a luta de classes. Ambas ignoram raça como um fator determinante em nossa história. Sueli Carneiro afirma que, no Brasil, a raça estrutura classe. Segundo uma pesquisa de cor/raça do IBGE de 2019 entre as pessoas mais ricas, 70% são brancos, e entre os pobres, 75% são negros, ou seja, pretos e pardos. A raça no Brasil vai estruturar a

classe. Quando nós pesquisadores, pessoas que estamos na academia, dizemos “eu vou fazer um recorte racial na minha pesquisa”, quer dizer “eu vou considerar a raça como fator relevante em alguns momentos na minha pesquisa”. Eu costumo dizer que, no Brasil, raça não é um recorte, é um ponto de partida. Eu sou uma mulher negra que vive em um bairro de classe média de Fortaleza. Os porteiros do meu prédio me conhecem porque eu moro aqui há muito tempo. Mas quando muda o porteiro ou alguém vem tirar férias de algum outro porteiro, me barram na entrada e me perguntam para onde eu vou para interfonar para a dona do apartamento. Porque não passa pela cabeça dele que eu possa ser a pessoa que é moradora do condomínio, porque pessoas como eu não são moradoras de condomínio como este. Eu posso garantir para vocês que com a vida de professora eu não moro em um condomínio de elite, garanto. O que quero dizer é que raça vai estruturar classe, vai fazer com que as pessoas não imaginem que é possível que uma pessoa preta como eu possa morar em um lugar branco como este.

A branquitude é o lugar mais elevado da hierarquia racial, mas é também o pertencimento étnico-racial do branco, das pessoas brancas e é também o nome que se dá a esse grupo social possuidor de privilégios, que são privilégios raciais, mas também simbólicos e materiais. A branquitude tem o poder de nomear a si mesmo e ao outro. Ela atribui a si mesmo tudo o que há de positivo e coloca para o outro tudo que há de negativo, o outro racializado. Vai construir uma falsa dicotomia entre: branco bom, branco bonito, branco limpo, branco inteligente, branco detentor do conhecimento versus negro mau, negro feio, negro sujo, negro tem experiência “negro tem experiência e

branco tem o conhecimento”. Se você se interessa por essa discussão leia Grada Kilomba¹³, *Memórias da Plantação*, capítulo 2, que vai tratar sobre essa dicotomia, a ideia que a branquitude constrói que ela tem o conhecimento e nós, pessoas negras, temos os saberes ancestrais, aquele saber que é obtido através da experiência e por isso não é tão importante. Eu trouxe também a definição de branquitude que mais me agrada: “A branquitude é um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros. E a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se pode atribuir a si mesmo. ” (FRANKENBERG, 1999B, pp. 70-101, PIZA, 2002, pp. 59-90).

Uma pesquisadora que fala sobre branquitude que eu sempre recomendo muitíssimo é a Lia Vainer. Gosto bastante do *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. Nesse trabalho, resultado de sua tese, ela pergunta para um dos seus interlocutores na pesquisa o que significa ser branco. E essa pessoa responde que ser branco é não pensar sobre isso, não pensar sobre o que é ser branco. Uma pessoa branca pode passar sua vida inteira sem pensar na sua própria raça. Enquanto pessoas negras, mesmo aquelas que não tem consciência racial, são sempre apontadas. A sua negritude é apontada. Há um tempo houve um caso de racismo contra um entregador dessas empresas de aplicativo, chamado Mateus. Um homem branco foi racista contra ele, cometeu violência racial. No vídeo que *viralizou* nas redes sociais, o homem branco racista faz menção à cor da pele, passa os dedos

¹³ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Edição Brasileira Cobogó; 1ª edição. 2019

no antebraço como quem diz “olha isso aqui, essa pele é que você não tem”. Algumas pessoas disseram, inclusive dentro do movimento negro, que o motorista não era negro. Mas enquanto as pessoas negras estavam discutindo se ele era negro ou não, o racista não teve dúvidas. É importante que as pessoas negras superem essa questão do colorismo. Quando me perguntam sobre isso eu sempre digo que falo da perspectiva da Sueli Carneiro. Sueli Carneiro afirma que colorismo é um tiro no pé. Ela vem da geração do movimento negro da década de 1970, que teve que construir políticas públicas a partir do entendimento de que negro é igual à preto mais pardo. E é só por causa do tom de pele? Não só, porque se você pegar os indicadores, as estatísticas de pessoas pretas e pessoas pardas e comparar, a gente vê que são muito parecidas. Extremamente parecidas, inclusive taxa de mortalidade e violência policial. Então as pessoas pardas também estão sofrendo essas violências.

Uma das primeiras características da branquitude é essa pretensão à universalidade. Pessoas brancas acham que são universais. Tem uma frase da Grada Kilomba que eu costumo utilizar para falar sobre isso que é: “uma mulher negra diz que é uma mulher branca, uma mulher branca diz que é uma mulher e um homem branco diz que é uma pessoa”. O homem branco não é marcado por nada, “ele é uma pessoa”, um ser humano. Uma mulher branca é uma mulher, só o gênero a torna o outro desse homem branco. Mas a mulher negra é o outro do outro. É o outro da mulher branca, que é o outro do homem branco. Nessa dicotomia branco e negro, construída pela branquitude, a branquitude se vê como universal e vê todas as questões sobre pes-

soas negras, mulheres negras ou povos indígenas como algo específico. A questão do branco não é específica, é universal, não é sequer marcada. Mas a questão do negro, isso sim, essa é específica. Quando temos uma ementa inteira de autores brancos em uma disciplina e falamos para o professor que seria interessante colocar autores negros com contribuições importantes, o professor diz que a perspectiva desse autor é muito específica porque ele fala de pessoas negras. Mas quando estamos falando de uma ementa apenas branca, isso não é específico, mas universal. Essa questão é uma espécie de supremacia.

Outra questão é o poder de classificação. O branco vai se colocar como o detentor de todas as qualidades. E aí coloca para o outro tudo que há de ruim. Isso se atrela a uma outra característica da branquitude que é a sua autoestima delirante. As pessoas brancas ignoram que têm o privilégio de serem brancas e costumam achar que tudo que conseguiram na vida se deve ao seu grande mérito, às suas grandes qualidades e ao ser humano iluminado que são. As pessoas brancas costumam ignorar o privilégio branco e se alinhar a ideia meritocrática de que somos todos iguais e basta se esforçar para que alcancemos o que necessitamos. A meritocracia está muito ligada à questão da branquitude.

Há também outra característica da branquitude que é o conforto racial. Ao menor sinal de que a conversa vai entrar no assunto raça a pessoa branca sai, não quer conversar sobre aquilo. E mesmo quando a pessoa branca quer conversar sobre raça, ela tem uma certa preguiça. Uma acomodação. Por que? Porque conversar sobre raça, na cabeça das pessoas brancas, é conversar sobre negros. Porque branco não é raça, branco é como se

fosse universal, de modo que falar sobre raça para uma pessoa branca é como se fosse uma conversa que não é com ela.

Branco deve falar sobre racismo sim. Entretanto, deve falar a partir do lugar de pessoa branca, ou seja, de pessoa racista. Porque todos os brancos são racistas. Não é uma questão sobre moralidade, bom ou mau, ruim ou feio. A questão é que todas as pessoas brancas que estão vivendo hoje em dia na sociedade brasileira se beneficiam da hierarquia racial que privilegia a branquitude. Todas as pessoas brancas que não estão pensando sobre seu privilégio, no seu lugar na hierarquia racial, que estão vivendo no automático, são sim racistas porque estão reproduzindo esse modelo racista em que vivem.

Outra questão importante sobre as características da branquitude é a questão do pacto narcísico da branquitude. É um conceito criado pela Maria Aparecida Bento, que se apoia na imagem do Narciso. Narciso é aquela figura mítica do caçador que vê seu reflexo no lago e se apaixona por si. Ele está tão apaixonado que tenta se beijar e morre afogado. O pacto narcísico da branquitude é o pacto que as pessoas brancas fazem entre si, de se premiar, de se ajudar. Na academia, na universidade, de se citar. Um cita o outro, sempre naquela *panelinha*. Esse pacto não é dito, é uma questão velada.

Sobre as características da branquitude que eu queria elencar ainda tem a questão da onipresença branca. Onde quer que a gente olhe, seja nos jornais, na TV, nos livros de história, nos modelos de beleza, de moral, tudo que a gente acha bonito, bom, vai ser sempre representado por uma figura branca. Eu sempre pergunto para as pessoas como a raça impactou as suas vidas. Uma aluna branca me falou que na infância era uma menina

branca, loira, dos olhos claros, e que todo mundo falava que ela era um anjo. A sua família era católica e ela fez primeira comunhão na igreja. No altar, ela via os anjos, a imagem e semelhança dela. Como você não cresce com uma autoestima delirante, se até a própria presença divina, a própria representação divina, tem o olho azul como o seu?!

É importante ter pessoas negras. Mas não uma pessoa negra, várias pessoas negras. Representatividade é importante, mas proporcionalidade é muito mais. Se uma pessoa negra é importante em um espaço garanto para vocês que essa pessoa negra em um mar de brancos não vai se sentir bem ou apoiada para se posicionar, por exemplo, em alguma questão sobre racismo. Porque ela se sente só. Quando falamos da solidão do povo negro, não é só sobre relacionamentos amorosos e afetivos. Eu trouxe para vocês o exemplo da ementa, não temos referenciais negros nas nossas ementas. Quando existem ementas com autores negros, muitas vezes isso acontece por pressão dos alunos ou em alguma disciplina específica, vamos ver Patricia Hill Collins, Bell Hooks e todas aquelas intelectuais negras que a gente admira. Mas esses referenciais não deveriam estar apenas em disciplinas que tratam de raça. Intelectuais negros, pesquisadores negros também devem estar em outras disciplinas. Não devemos pensar que o lugar do universal, do mais amplo, é sempre do branco.

Além disso, tem a questão dos alunos negros no ambiente acadêmico com professores brancos. Enquanto aluna negra, eu só tive dois tipos de professores brancos. Já tive professor branco que dizia “o que essa menina negra está fazendo aqui?” e me exigia mil vezes mais do que os outros alunos, porque era

como se eu tivesse que provar que eu podia estar naquele lugar. E tinha outro tipo de professor branco que era aquele tipo que fica “Nossa, você é uma mulher negra, nordestina, veio estudar aqui em São Paulo, caramba, não precisa fazer o trabalho final não. Tadinha, você quer mais prazo? Você está precisando de mais alguma coisa?” Essa ajuda vem revestida, na verdade, de um sentimento de pena. Desse entendimento de que o negro não vai dar conta, então eu tenho que exigir menos dele. Eu costumo chamar esse tipo de professor de “Srta. Morello” aquela professora da série *Todo Mundo Odeia o Chris*, porque é uma referência que a maioria das pessoas conhece. No ambiente acadêmico observamos que as relações entre professores e alunos, entre alunos e alunos, existe sim uma grande dificuldade. E a dicotomia entre o branco e o negro que eu falei no início vai regular nesse ambiente acadêmico. Por exemplo, você quer fazer uma pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sobre alguma questão que envolva mulheres negras. Você quer usar teoria interseccional, mas ninguém ali leu Kimberlè Crenshaw ou a Sueli Carneiro. Então as pessoas não têm como te orientar, principalmente quando pensamos a partir de uma perspectiva interseccional. Até existem alguns professores, algumas professoras, alguns pesquisadores que vão pensar a partir da questão da raça, ou a questão do gênero. Mas quando essas coisas estão juntas, imbricadas ali naquele contexto, nós acabamos sendo removidos dos nossos planos. Outra coisa que acontece é “Você não acha que o seu texto está muito militante?” ou então “A sua escrita não é acadêmica”, “O que você escreve não é acadêmico”. Toda vez que falam sobre isso eu lembro o *pretuguês*, eu lembro de Lélia Gonzalez. Penso em Lélia Gonzalez e lembro do texto

Racismo e sexo na cultura brasileira. No começo do texto, ela fala de uma “‘neguinha atrevida’ que chega na festa dos brancos, que estão lançando um livro sobre os pretos, “porque os brancos sabem muito, sabem até mais sobre os pretos do sobre eles mesmos”, ela fala de modo irônico. Eu recomendo muito que leiam, porque é muito interessante como ela ironiza: "Aí, imagina só essa neguinha atrevida que chegou para acabar com a festa dos brancos". E o modo como a Lélia escreve nesse texto é um grande indicativo de que a escrita acadêmica, que é considerada acadêmica, é a escrita branca e que a gente precisa escrever do nosso jeito dentro da academia.

E como essa hierarquia racial vai afetar a criação de políticas públicas? Como essa hierarquia racial, que privilegia pessoas brancas a entrarem nos espaços de poder e de decisão, afeta as políticas públicas? Quem vocês acham que vão criar as políticas públicas? Pensem como um homem branco, hétero, cis, sudestino, que está no topo da hierarquia racial brasileira, vai criar políticas públicas para mulheres negras. Ou para povos indígenas. A empatia não resolve tudo, precisamos ouvir as pessoas que vão ser atendidas por essas políticas públicas

Para tencionar o nosso debate irei trazer um problema social para que possamos pensar. A lei Maria da Penha é um grande marco na proteção das mulheres brasileiras. Entretanto é importante que analisemos um dado do mapa da violência de 2015, que apontou um aumento de 54% do número de homicídios de mulheres negras. Entre 2003 e 2013, no mesmo período, o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8%. Outro dado mais recente sobre isso, lançado em 2020, é outro mapa da violência que vai

nos mostrar que essa tendência continua. De modo algum queria que parecesse que estou desmerecendo ou menosprezando a importância desta lei, mas há algo que precisa ser pensado sobre ela e sua implementação. A Lei Maria da Penha está sendo eficiente na proteção de mulheres brancas, mas não está atendendo quando nós pensamos a partir da perspectiva de mulheres negras. Por que mulheres negras estão sendo mais vitimizadas quando a questão do homicídio é levantada? A questão racial está sendo levada em conta? Esse é o problema que acontece quando a gente observa e essencializa, por exemplo, a categoria de mulheres, uma política pública para mulheres. Mas de que mulheres nós estamos falando? Quais mulheres são essas? Quando a gente não pensa a partir de uma perspectiva interseccional, que vai pensar raça, classe, gênero, faixa etária, sexualidade, combinados, quando a gente não leva em consideração esses fatores, acontece isso. Enquanto as mulheres brancas são beneficiadas, as outras mulheres continuam passando pelo mesmo problema.

Eu gostaria de terminar a minha fala de hoje com esta provocação. Espero ter contribuído apresentando alguns conceitos que eu trouxe por aqui, principalmente o de branquitude, para pensar a realidade dos alunos e dos professores. Essa relação dentro da universidade, mas também para pensar de que modo as políticas públicas são criadas e avaliadas posteriormente. Por exemplo, se a gente tiver a avaliação dessa política pública daqui a algum tempo vai parecer um sucesso, se você for uma mulher branca. Então quem vai avaliar essa política pública? A perspectiva de quem vai avaliar também vai influenciar fortemente. Eu

queria com isso agradecer mais uma vez pelo convite, super respeitoso, super carinhoso, por todos que fazem parte do Centro Acadêmico, e em especial para a Sofia, muito querida.